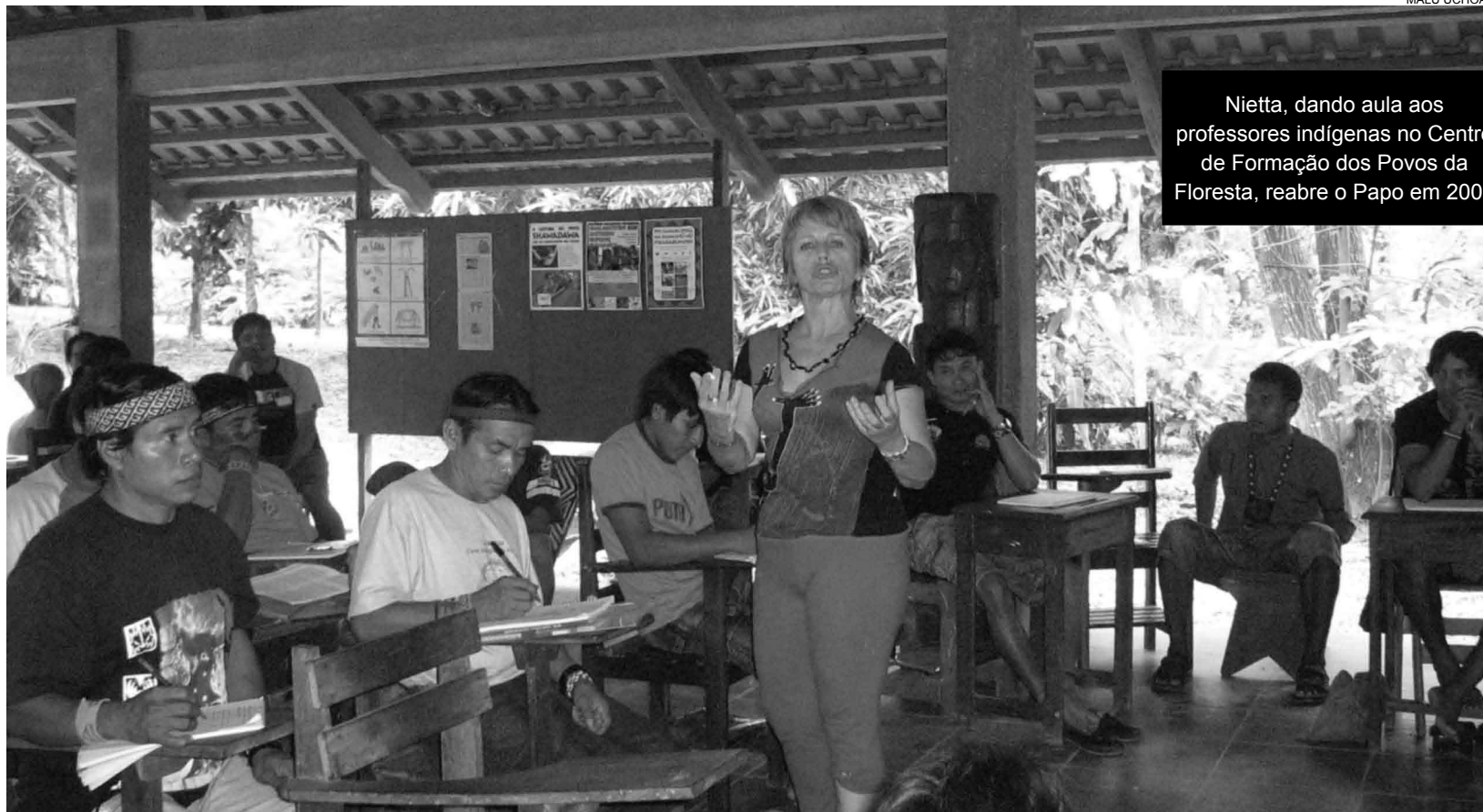


# Crônica de uma viagem ao Acre

NIETTA LINDENBERG MONTE

**N**a derradeira semana de janeiro, descobri a nova capital do país, sob os efeitos globais da Amazônia de Galvez, que reconquista pela segunda vez o Acre para o Brasil.

Minha viagem de descobrimento tem início no centro nevrálgico da cidade, onde pousei corpo e alma, envolvida pela energia luminosa e quente da cena urbana. Constatando mudanças na paisagem e no lazer, mesmo aos 40 graus do começo da tarde. Com o silêncio dos que miram, encontro beleza na modernidade urbanística acoplada à tradição. Se eu hesitara passear por um igarapé de detritos às margens do Canal da Maternidade, na beira do rio Acre respiro longevidade e história: em suas margens, um harmonioso conjunto de casas multiformes libera o antigo anonimato de suas fachadas, antes envelhecidas pelo tempo, hoje pintadas de cores vivas e pastéis nos trazem de volta o Brasil de Portinari. Nos bares, botecos e bistrôs, revive-se o prazer de um *breboto com refresco*; entro no novo mercado velho na caça da saudosa saltenha (integração boliviana-acreana) e das alquimias tropicais dos sucos regionais.



Nietta, dando aula aos professores indígenas no Centro de Formação dos Povos da Floresta, reabre o Papo em 2007

Em seguida atravesso a ponte nova para receber o toque de arte na pracinha mural de Babi Franca. São belas lembranças da infância de muitos dos acreanos que, como ele, meninos em lua cheia, sonham pipas no céu azul, jacarés, tracajás, nu-

vens e pássaros. Banquinhos e lampiões nas calçadas oferecem tempo para a contemplação da beleza cênica criada pelos artistas da cidade. Ah, a volta das humanas calçadas ...

Observo, sentada entre gigantes personagens sem nome,

outras cenas do cotidiano: moradores de batelões ancorados no cais saltam para o banho nas águas morenas do Acre, o rio em reboliço; jovens se atiram em piraetas da ponte rumo ao espaço e depois são levados efusivamente pela corrente das águas.

Há alvoroço e adrenalina nesse esporte popular e radical, especialmente animado pelas cheias do inverno amazônico. Mas, o maior destaque é aguardado com a noite, quando a ponte futurista acende suas emissões de azul néon sobre o leitoso rio Acre.

## Segunda descoberta do Acre

O clima de descoberta e encantamento vai me tomando o coração (como se na volta de um longo exílio), e do mesmo modo resolvo curtir por inteiro o período de trabalho a que fui convocada pelos amigos e parentes da Comissão Pró-Índio do Acre, CPI/AC, e pela Organização de Professores Indígenas do Acre, OPIAC.

Volto a Rio Branco, depois de anos de trégua, para mais um curso de formação de professores indígenas, do qual fora eu mesma parteira, junto às mulheres acreanas Dedê, Concita e Verinha, nos finais dos anos 70. Mais um curso? Já havia perdido a conta: foi a amiga Malu, a dona do *ceviche* e atual coordenadora do trabalho do setor de educação da CPI/AC, que resituiu a cronologia perdida dos cursos realizados pelo Projeto de Educação "Uma Experiência de Autoria". Este é o XXVII curso, cochichou-me ela.

Uma segunda descoberta do Acre foi assim inevitável no centro nevrálgico do nosso trabalho, o Centro de Formação dos Povos da Floresta, onde há 13 anos os cursos de formação da CPI/AC são realizados. O Centro é em si mesmo um oásis de verde e água em diversas frentes de trabalho. Forma uma área de alguns hectares ocupada pela natureza e pelo homem, com mata tropical em recupera-



Passarela lembra navio encantado encalhado na terceira margem do rio

ção, açude com grandes peixes e répteis temidos, casas rústicas de apoio aos professores e estudantes para hospedagem, estudo, alimentação.

Há quase uma década o Centro, com nossa colaboração, foi transformado na primeira Escola da Floresta destinada à formação dos povos indígenas, regulamentada por um parecer do Conselho Estadual de Educação. Oferece o Magistério Indígena de nível médio a jovens e adultos das diversas etnias do Acre. Também vem formando

os Agentes Agroflorestais Indígenas, força política, cultural e ambiental nas terras demarcadas, um dos novos bons frutos das Escolas da Floresta. Aliás, importante nova notícia, há muito esperada: a proposta pedagógica da Formação dos Agentes Agroflorestais Indígenas, depois de longos anos de registro e sistematização, será finalizada pela equipe de Agricultura e Meio Ambiente da CPI-Acre e apresentada ao Conselho Estadual de Educação este ano, visando a requerida validação da forma-

ção profissional dos agentes, reconhecendo-se, mais uma vez, a qualidade da Escola da Floresta.

Estamos de novo posicionados no XXVII Curso de Formação Inicial de Magistério Indígena. Uma linha do tempo é esticada, repleta de gente e fatos, em geral, trazendo boas notícias; o curso é também o VII de Formação Continuada, atendendo e reaquecendo, com leituras e debates, muitos dos diplomados como professores bilíngües pelo projeto desde 2000. Há especial cuidado com a reflexão histórica e filosófica sobre os rumos atuais da educação escolar indígena como política pública e sobre a própria história do Projeto de Autoria, onde todos somos personagens, a maioria, ainda vivas testemunhas.

Também se está tratando da gestão da instituição "escola indígena" como parte do sistema de ensino, sujeita a um emaranhado de financiamentos e recursos para seu funcionamento pleno, raramente utilizados a contento pelos professores e escolas indígenas: este ano, o destaque vai para a "merenda regionalizada", com a garantia da compra de parte da produção agrícola das comunidades.

Mais um grande destaque vai para a continuidade da presença de uma equipe de lingüistas, visando ao aprofundamento das pesquisas e estudos das sete lí-

guas indígenas faladas e escritas pelos professores e seus alunos. Eles vêm da Universidade de Brasília, UNB, e da Universidade Federal Alagoas, UFAL, e são antigos conhecedores desta terra. Durante o pré-carnaval, esses animadores das línguas vão concentrar esforços nas avenidas Pano (Kaxinawá, Katukina, Arara, Yawanawá, Jaminawa) e Aruak (Manchineri, Ashaninka e Apurinã) para fortalecermos juntos o bloco das línguas ameaçadas pelos grandes foliões brasileiros.

Como sempre, estamos em festa: os cursos de formação são animados pela mistura de concentração, criatividade, curiosidade intelectual; são também regados pela alegria dos professores indígenas, assessores e consultores. Une-nos e nos intercomunica um objetivo comum: pensar e desenvolver a gestão responsável e sustentável das terras indígenas da região, por meio da qualificação de todos os que ali e aqui trabalham.

Uma viagem desta é, portanto, também reconciliação com a história de vida de cada um, parada obrigatória no decorrer do tempo, para refletir sobre as trilhas entrecruzadas dos conhecimentos. Em especial, alguns processos novos me instigaram (movendo sentimento e razão) e desencadeando idéias geradoras para esta crônica de viagem.

## A autoria dos professores

Estão como sempre presentes alguns dos que já caminharam incontáveis léguas pela educação, perfazendo décadas de escola indígena na região, dentre eles e elas, os chamados “veteranos”, “pajés”, “conhecedores”, “especialistas”, professores indígenas, assessores, consultores. Mas sobretudo, se destaca em sua vivacidade um grupo grande de novatos, jovens professores, filhos das políticas públicas atuais dos governos brasileiro e acreano, herdeiros do legado intelectual e político dos antigos. Eles e elas ingressam agora, neste século, no percurso maduro já percorrido pela ação educativa de autoria e por outros caminhos paralelos; mas, já se apresentam com as características da boa juventude, como uma curiosidade intelectual renovada para a pesquisa e a formação da sua memória histórica. Encontro alguns desses jovens nos intervalos das aulas, na bela Casa dos Autores, entrando na internet e

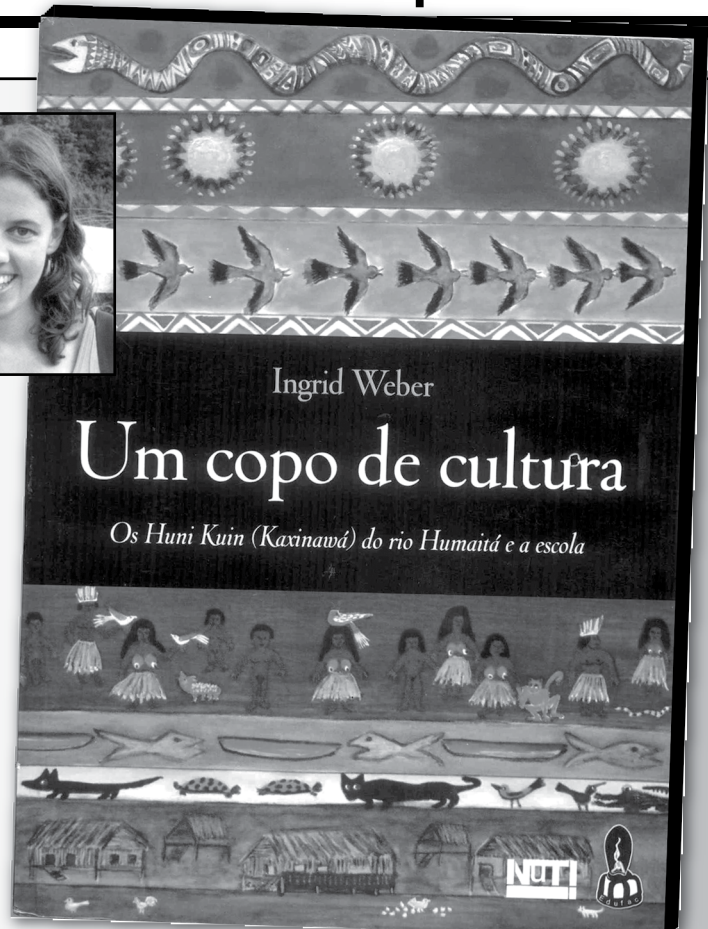
se comunicando com o mundo; ou, pelos jardins em volta do açude, cantando e aprendendo os cantos do cipó Huni Kuin, junto aos parentes antigos, sábios de línguas e de conhecimentos dos antepassados. Este novo fundo sonoro das tardes do Centro me emociona como se num concerto ao ar livre, evidenciando a força da educação indígena dentro da educação escolar.

Dos professores índios, sabem-se alguns destinos: grande parte deles é hoje responsável pelo ensino fundamental nas escolas das terras indígenas, ao mesmo tempo em que intelectuais das culturas, pesquisando cantos tradicionais, medicinas, histórias, línguas, além de outros veios das chamadas identidades culturais. Mas, também, pragmáticos, são gestores e técnicos em educação escolar indígena, assessorando as escolas de seus parentes e substituindo os antigos supervisores dos órgãos de Estado na nova função de poder

e controle social significativo.

Existe também forte tendência dos professores formados de ingressarem na vida política partidária de seus municípios. Como nova arma, vislumbra-se a possibilidade de influenciar o rumo das políticas locais. Diante destes múltiplos caminhos, quantas responsabilidades, além da energia emanada de ser ou estar professor indígena e estudante da Escola da Floresta.

Dentre os bons frutos de sua docência nas últimas décadas, o desenvolvimento de gerações de estudantes nas terras indígenas, formando para melhor viver hoje e amanhã dentro destes territórios demarcados, ajudando a pensar e formar também a população do entorno. Como exemplo, a inigualável proposta da Escola erguida, na cidade de Marechal Thaumaturgo, pelos Ashaninka do rio Amônia para formar com esses princípios mais além das fronteiras indígenas.



Livro da antropóloga Ingrid Weber será lançado, hoje, às 19 horas, na Casa de Leitura da Gameleira, com capa ilustrada por Babi Franca

## Um Copo de Cultura

Mais outra festa está sendo concebida pelos assessores para o público: a atenção se volta para a continuidade dos lançamentos dos produtos intelectuais da grife Mulheres da CPI/AC. Quero fazer no resto do papo mais uma espécie de marketing corporativo que vale a pena para conclusão da crônica de viagem.

Trata-se da dissertação de mestrado de Ingrid Weber, defendida 2004 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), felizmente, transformada em livro e lançada amanhã, 9 de fevereiro, na cidade. Sugiro aos leitores deste papo e a outros amigos a sorverem **Um Copo de Cultura. Os Huni Kuin (Kaxinawá) do Rio Humaitá e a Escola**, contribuição entusiasmada aos povos da floresta, seus aliados e estudiosos. Estiveram envolvidos neste trabalho a Universidade Federal do Acre/UFAC e o Núcleo de Transformações Indígenas/NUTI, do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ.

Com aguda reflexão nascida da sua experiência como assessora e pesquisadora nas aldeias, a autora foca, com aportes da educação e da antropologia, as mudanças culturais por que passam os povos indígenas no seringal ao longo do último século. Tal abordagem tem sua originalidade também no estilo etnográfico adotado, tomando textos de seu diário de campo como fonte das análises e nascedouro das questões teóricas construídas. Estas ajudam a desvendar os processos cul-

turais de transmissão, criação e aprendizagem fora e dentro das escolas da floresta e devem ser conferidas pelos que se interessam pela renovação das sociedades tradicionais na corrida do século XXI.

Numa sensível narrativa de agradável leitura, o livro de Ingrid traz parte da história recente e contemporânea do Acre indígena, contada, com clareza e pertinência, em grande parte pelos depoimentos indígenas levantados por Ingrid em situação prolongada de campo durante cerca de quatro anos.

Mais do que revelando fatos, a própria autora se revela: faz parte desta escola de jovens e raros intelectuais que saem e entram do olimpo universitário com sabedoria, vivacidade, inquietação e experiência social ampliada. Como ela mesmo diz, partidária da “participação observante”, mais do que da “observação participante”, a assessora escolhe atuar, pensando, junto aos povos da floresta e suas escolas, por onde alegremente circula desde 1998. Ao ler seu trabalho pela segunda vez, numa leitura ágil e emocionada, concluo a vocação deste livro para se tornar um *best seller* da educação indígena, devido à força das idéias, ao formato original e à simplicidade e fluência com que se desenrola a nossa leitura (e a sua escritura).

Posso dizer que **Um Copo de Cultura** foi um dos melhores presentes que recebi na temporada acreana, rejuvenescendo o velho entusiasmo pela ação de autoria e alimentando os trançados cada vez mais complexos das escolas da floresta.



Um toque de arte de Babi Franca, na pracinha mural da passarela, lembra desenhos e cores da infância

## A produção dos assessores

Melhor ainda, as boas novidades estão por todo lado. Há criação e expansão também entre os assessores trabalhadores junto aos povos indígenas do Acre. São homens e mulheres acreanos, ou simplesmente brasileiros que vieram ao Acre, para apoiar a implementar as

escolas da floresta. Eles vêm contribuindo com o desenho e a gestão dos cursos intensivos no Centro de Formação; responsabilizando-se pelas viagens de campo; apoiando a criação das obras intelectuais e culturais dos professores e estudantes indígenas, por meio da edição de

materiais de autoria. Tal produção intelectual dos índios e dos assessores forma já um farto acervo de variado material: livros, teses, relatórios, diários, vídeos, cds e dvds. Estes, seja como se apresentem, nasceram das pesquisas de campo na floresta de uns e outros.

## Centro de Documentação e Pesquisas Indígenas (CDPI)

Impressionaram-me de forma bastante positiva nesta viagem duas criações dos assessores. Quero terminar esta crônica com a apresentação dos assessores e suas obras.

A começar pela guerreira Dedê Maia, filha também do seringal acreano, que, desde 1978, freqüente e apóia a formação de pessoas para as escolas indígenas da região por meio da CPI/AC. Neste ano, ela foi particularmente vitoriosa, conseguindo executar a construção de um de

seus sonhos, o “Centro de Documentação e Pesquisas Indígenas”. O CDPI, dentro do Centro de Formação dos Povos da Floresta, foi concebido como um espaço-tempo para o registro e a pesquisa, belamente projetado numa grande casa, alto mezzanino, cercada de varanda e envolvida pela mata recomposta. A proposta do Centro, feita realidade com apoio de vários parceiros (BNDES, SEPI e SEOP), visa divulgar o extenso e original acervo guardado pelos profes-

ses e agentes agroflorestais na CPI/AC, fruto do trabalho permanente de documentação das culturas indígenas e de reunião dos estudos feitos sobre os povos indígenas. A idéia é incrementar, organizar e disponibilizar esse acervo: atenção, estudantes acreanos, pesquisadores-visitantes, estudantes indígenas dos cursos de formação, o CDPI é uma varanda para a leitura e a pesquisa de documentos especiais. Você é seu convidado. O dia da inauguração em breve será divulgado.

ASSESSORIA